

ARTIGOS

COMENTÁRIOS SÔBRE A POLÍTICA RELIGIOSA DO IMPERADOR FLÁVIO CLAUDIO JULIANO, O APÓSTATA (1).

MARIA APARECIDA ROCHA BAUAB
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José
do Rio Prêto (SP).

I. — FILOSOFIA E RELIGIÃO.

Juliano, como todos os constantinianos é criado na religião católica... “teòricamente” porque, embora tenha sido entregue a Eusébio na Nicomédia, homem de confiança do imperador, êsse eclesiástico pouco tempo dispunha para dedicar à educação do pequeno órfão. Assim, como êle mesmo reconhece, o pedagogo responsável pela sua primeira formação foi Mardônio (2), pessoa já idosa, que havia sido preceptor de Basilina, sua mãe (3).

Segundo nos informa, por exemplo, no *Misobarba*, foi educado na frívola e cristã Constantinopla no exercício da mais severa virtude,

(1). — Êsse artigo está baseado em nossos trabalhos anteriores: *Subsídios para a compreensão do paganismo no IV século (361-363)*, monografia apresentada para obtenção do grau de Mestre e *Comentários sôbre o edito educacional de 362*, publicado na “Revista de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Prêto, 1969, nº 5, pp. 75-93.

(2). — Não é ponto passivo quando e onde Mardônio esteve com Juliano. Enquanto Dmitri Merejkowsky, *Juliano, o Apóstata, A morte dos deuses*, tradução de Paulo Moreira da Silva, Tecnoprint-gráfica, S. A., Rio de Janeiro, 1967, p. 23, coloca a presença dêsse mestre em Macellum, Benoist-Méchin, *L'empereur Julien ou Le revê calciné*, CLAIRE Fontaine, Lausanne, 1969, p. 30, a coloca em Astakia, onde Juliano teria estado antes de Macellum.

(3). — P. Labriolle, apud *Histoire de l'Église*, publiée sous la direction de Augustin Fliche & Victor Martin, Blaud & Gay, Paris, 1945, vol. 3, pp. 183-184; Dom Ch. Poulet, *Histoire de l'église*, ed. Beauchesne et ses fils, Paris, 1953, tome I, p. 167. Eusébio era parente de Basilina, mãe de Juliano, espôsa de Julio Constâncio, assassinado em 337, juntamente com outros membros da família. Não é certo que Juliano esteve sempre aos cuidados de Eusébio. G. Negri, *L'imperatore Giuliano, L'apostata*, Ulrico Hoepli editore, Milano, 1902, p. 23.

opondo, dessa maneira, às influências assistemáticas do meio-ambiente, uma educação teórica ministrada de acôrdo com os princípios clássicos. Embora Juliano atribua a êsse tipo de educação a causa da sua inadaptação social, isso é feito como sátira porque, na realidade, dirigindo-se aos habitantes de Antioquia, mostra-se orgulhoso de seus méritos (4). Entregue a si mesmo, propenso às mesmas perseguições que já haviam assassinado a sua família, não é difícil a Juliano — educado no “rigor ideal da filosofia e sabedoria helênicas” — começar a sentir nos antigos a origem de todo o bem e de tôda virtude e, por outro lado, identificar a essência do Cristianismo com o mundo eclesiástico — cortesão de Constantinopla — acreditando residir, nesta religião, a causa de tôda corrupção e vícios.

E' certo que, em Macellum, na Capadócia, para onde é enviado após a morte de Eusébio (342), chega a ser batizado e a galgar os primeiros degraus da carreira eclesiástica, na ordem dos leitores (5), porém, a estadia de seis anos neste lugar que Sozomênio descreve “como um jardim de delicias” (6), serve apenas para reforçar suas impressões desagradáveis quanto ao Cristianismo (7). Juliano justificará o caráter rude e violento do seu irmão Gallo como conseqüente desta reclusão e solidão ali sofridas (8). A vigília de Constâncio sobre os dois parentes é sempre auxiliada pela Igreja. Consta-nos que mesmo nesse castelo isolado, Juliano recebe tarefas de Jorge de Ale-

(4). — “Tinha sete anos quando fui entregue a êsse homem. Daquele dia, êle educou-me seguindo sempre um só método de ensino. E, não desejando êle mesmo conhecer outro, tornei-me odioso a vós” (...). Para alguns autores, Juliano não se refere aqui a Mardônio mas sim a Máximo, outro mestre conhecido pelos antioquios. Julian, *The works of the emperor Julian*, with an english translation by Wilmer Cave Wright, 3 vols. Vol. I (ed. de 1954) e vol. II (ed. 1949), William Heinemann Ltda. Cambridge, Massachusets, Harvard University Press. Vol. III (ed. de 1953), G. P. Putam's Sons, New York. Ver *Misopogon (Misobarba)*, vol. II, pp. 421-511; Negri, *op. cit.*, pp. 25-27 e 361-383.

(5). — Labriolle, *op. cit.*, p. 184.

(6). — Sozomeni, hist. — illustravit Valesius, 483 apud Negri, *op. cit.*, p. 28 nota 1. Charles Norris Cochrane, *Cristianismo y cultura clasica*, tradición de Carner, Fondo de Cultura Economica, México-Buenos Aires, 1949, 1a. ed., afirma que Juliano teria treze anos nessa ocasião e que ali passou os sete anos seguintes, em severa reclusão.

(7). — No seu *Manifesto aos Atenienses*, Juliano fala da sua desilusão — “Que direi eu dêsse seis anos passados em poder de outros, sem que nenhum estranho pudesse aproximar-se de nós e sem que pudesse fazê-lo algum dos nossos antigos conhecidos?” (...) ed. Wright, vol. II, p. 251; Cochrane, *op. cit.*, p. 259.

(8). — Juliano diz ter sido salvo pelos germes da filosofia e doutrina clássicas, que havia recebido. Não é esta a opinião de São Gregório: “Gallo, violento na índole, cra sincero na sua piedade, Juliano, pelo contrário, sob a sua aparente devoção, escondia pérfida tendência de ânimo”. Negri, *op. cit.*, pp. 29-30; Hans de Soden, *Hélade Y Roma, el origen del Cristianismo*, Coleção História Universal, ed. Espasa — Calpe S. A., Madrid, 1951, Tomo II, p. 596 ss.

xandria que manda-o copiar alguns dos volumes da rica biblioteca, com objetivos eminentemente educativos, visto que o bispo conta com funcionários suficientes para executá-la. E' uma forma indireta de doutrinação que, unida a outros estudos, fornece-lhe conhecimentos profundos dos livros do Velho e Nôvo Testamento (9).

Após Macellum, Juliano instala-se em Constantinop'la onde frequênta aulas de Eusébio (10), conforme as orientações de Constâncio, e para tristeza de Libânio (11); mas, tendo a sua popularidade chamado a atenção do primo, êsse o envia para a Nicomédia. Tal ação demonstra, mais uma vez, que as precauções não eliminam os riscos, principalmente quando são orientadas pelo mêdo, pela intriga e não pelo raciocínio objetivo. A Nicomédia é então um dos principais "focos" do helenismo e nela reside Libânio que tanto influenciará Juliano.

Não queremos afirmar aqui que Constâncio desconhecia êsses fatôres, mas que êle subestimou-os, se pensarmos que limitou-se a proibir Juliano — de acôrdo com os conselhos de Ecebólio — o frequêntar, escutar ou ler os discursos do famoso retor. Proibição violada, pois Libânio, com desculpável vaidade nos diz que, apesar da distância que o separa do jovem, êste imita-o no estilo, o que vem confirmar a hipótese de que os discursos vedados foram recebidos.

Temos que citar outros mestres, contactos intellectuais que estabelece em prol da sua helenização, como por exemp'lo os neo-platônicos Edésio, Eusébio, Crisânio e Máximo (12). Em Pérgamo e Êfeso,

(9). — Foi nessa época, sob Jorge de Alexandria, que Juliano desenvolveu seus conhecimentos apologeticos e de patrologia que tornaram-no apto a receber o batismo, cerimônia a que não podia furtar-se sem penosas consequências. A vasta biblioteca dêsse bispo contava não somente com obras de religiosos cristãos como Orígenes, Luciano de Antioquia, Dião Crisóstomo, mas de filósofos pagãos como Aristóteles, Platão, Heráclito, Plotino, Porfírio e Jâmblico. Atitude bem displicente a de Jorge que fêz possível a leitura do *De Mysteriis*, *Cartas a Macedonius*, *Orações Caldaicas*, etc. Como observa B.-Méchin, "mais filósofo que poeta, quer dizer, mais sensível às idéias que às imagens, Juliano aí encontra a confirmação de tudo o que pressentia. Êle aí descobre, notadamente, uma teologia solar que o seduz de imediato, porque traz fundamentos novos ao culto do Sol que havia sido praticado pelos seus ancestrais" Benoist-Méchin, *op. cit.*, pp. 34-37.

(10). — Em Constantinopla Juliano frequênta Ecebólio e Nicolles, que ministraram retórica e gramática respectivamente, mas que foram personagens "insignificantes, incapazes de exercer um papel importante na sua vida" Benoist-Méchin, *op. cit.*, p. 49.

(11). — A Libânio tal relação parece altamente prejudicial e confessa que gostaria de vê-lo em melhor companhia que a de um malvado sofista que poderia infundir-lhe desprezo aos deuses.

(12). — Máximo foi um dos mestres mais influentes na posição tomada por Juliano. Era êle respeitado como um "santo" no politeísmo. Eunápio narra-nos

mais tarde em Atenas, Juliano vive a fase determinante da sua formação espiritual convertendo-se definitivamente ao culto dos deuses (13).

“Na realidade, quando se propunha a praticar o culto dos deuses, êle seguia uma vocação mística; obedecia às divindades protetoras da sua dinastia e do Império, deixava-se guiar por suas vozes, entregava-se a elas, num apêgo do seu coração, em tôda confiança” (14).

Nos três anos da Nicomédia o pensamento de Juliano é elaborado numa síntese curiosa de racionalismo platônico e misticismo supersticioso. A sua doutrina demonstra um sincretismo bastante complexo, no qual o politeísmo greco-romano é conservado juntamente com as interpretações alegóricas, representando a tradição clássica. Juliano será um filo-helênico conservador, que integra os mitos e os cultos mais diversos, mais excêntricos, em torno de uma doutrina central que prima pelos elementos do neoplatonismo que, como sabemos, após um século de existência como escola filosófica, transformou-se em seita religiosa. Em Atenas — para onde é enviado graças à oportuna influência de Eusébia, espôsa de Constantino, após o assassinato de Gallo (15) — Juliano mantém contacto com Prisco, chefe da Academia, e é no período ali transcorrido (julho a outubro de 355) que se inicia nos mistérios de Eleusis, embora freqüente os mesmos bancos escolares que Gregório (16) e Basílio.

Nomeado César (6 de novembro de 355) parte para a Gália com importantes missões de caráter militar, porém, Eusébia

“sabendo que eu trazia comigo pouquíssimos livros, na esperança e no desejo de regressar para casa o mais rápido possível,

uma passagem na qual Máximo, entrando no templo de Diana, em Éfeso, “é acolhido por um complacente sorriso da estátua da deusa”. *Eunapii vitas sophistarum recensuit*, apud Negri, *op. cit.*, p. 35, nota 2.

(13). — Labriolle, *op. cit.*, p. 184; Negri, *op. cit.*, p. 35.

(14). — Labriolle, *op. cit.*, p. 184.

(15). — As relações de Juliano com Eusébia são muito controvertidas; no caso citado, consultar, ed. Wright, *Oration III*, vol. I, pp. 274-345; Julien, l'empereur, *Discours de Julien César*, texte établi et traduit par J. Bidez, Collection des Universités de France, Société d'édition Les Belles Lettres, Paris, 1932, Tome I, 1er. partie, *Éloge de l'impératrice Eusébie*, pp. 70-105.

(16). — Sobre êsse período dirá Gregório: ... “eu havia suspeitado dêle há tempos... Dois eram os motivos que faziam-no desejar aquela permanência: o primeiro, louvável, era conhecer a Grécia e a sua escola, o outro, que não confessava e que era percebido apenas por alguns, era o conferenciar secretamente com os sacerdotes e impostores”. Gregoire de Nazianze, *Orationes*, v, 23 apud, Negri, *op. cit.*, p. 40; A. Piganiol, *Histoire Romaine*, Tome IV da Histoire Générale, *L'empire chrétien (325-395)*. Presses Universitaires de France, Paris, 1947, p. 314; Benoist-Méchin, *op. cit.*, p. 111.

deu-me tantos livros de filosofia, de história, de retórica e poesia, para satisfazer o meu nunca saciado desejo dos seus colóquios, que bastariam para transformar a Gália em um museu de livros grandes” (17).

Neste país Juliano completa seu aprendizado de chefe militar, administrador e político, sob a supervisão de agentes de Constâncio (18). Possuindo, pela primeira vez, oportunidade de empregar seus conhecimentos, baseado neles procura governar. Sua paixão pelo classicismo não se restringirá, a partir dessa estada, à elaboração filosófico-teológica de princípios, manifestando-se como norma de conduta, suprema aspiração de um ideal (19).

Como afirmamos, o neoplatonismo — último esforço do pensamento clássico na tentativa de solucionar o problema filosófico suscitado pelo obstáculo intransponível do dualismo e racionalismo gregos, que nem mesmo o gênio superior de Aristóteles conseguiu superar — é um dos elementos imprescindíveis da formação de Juliano. Jámblico, Sopatros, Edésio, Máximo e Prisco haviam associado à doutrina dos seus mestres diretos as especulações dos sofistas e moralistas mais diversos, assim como os símbolos dos mistérios orientais:

“Serapis, Isis, Hécate, Deméter, Dionísio e Cibele forneceram-lhes todo um ornamento de emblemas que foram utilizados engenhosamente”

e, através de visões simbólicas, pretendiam preparar o retôrno da alma junto a Deus. Tornaram-se adivinhos e hierofantes, iniciando seus alunos nos cultos secretos. A intenção de possuir, no seu círculo, o maior número possível de intelectuais, fez com que procurassem, no seu sistema, um lugar para tôdas as doutrinas filosóficas da época, excetuando-se o epicurismo (20). Plotino foi o maior teórico e difusor do neoplatonismo (21). Inteligência superior e curiosidade intelectual são elementos que fazem dêle um pesquisador e viajante entusiasta, sempre

(17). — Negri, *op. cit.*, p. 44 ss.

(18). — Roger Rémondon, *La crise de l'empire romain*, Presses Universitaires de France, Nouvelle Cléo, Paris, 1964, p. 165.

(19). — Sobre a profunda convicção de Juliano, ver *Giuliano imperatore, L'apostata, Degli Dei e degli uomini, Opuscoli Filosofici, Introduzione e Versione* di Raffaello Prati, Gius. Laterza & Figli, Bari, 1932, pp. 5-24; Cochrane, *op. cit.*, pp. 259-288.

(20). — Labriolle, *op. cit.*, pp. 184-185; J. Bidez, *La vie de l'empereur Julien*, Collection d'études anciennes sous le patronage de l'Association Guillaume Budé, Les Belles Lettres, Paris, 1930, pp. 67-68.

(21). — Surgido em Alexandria, com Amônio Saca, o neoplatonismo deve a Plotino, discípulo do seu fundador por dez anos (232-242), a sua difusão.

a buscar novas formas de conhecimento. Embora inferior a Platão e Aristóteles, é o maior filósofo da sua época. Místico como Platão, elabora uma gnoseologia semelhante à sua, pela desvalorização da sensibilidade como aparência: o conhecimento racional não é senão um degrau intermediário entre a percepção dos sentidos e a intuição do sobrenatural. O transcendente é a suprema realidade, sendo as formas intelegíveis meios transitores pelos quais a energia do ser transcendente e sem forma expande-se no mundo.

Tal conceituação do sobrenatural, como origem e causa do mundo, tem como conseqüência determinada atitude em relação ao humano-terreno e influencia Juliano na elaboração do seu esquema filosófico-religioso: o homem, não podendo aproximar-se do sobrenatural com o auxílio da razão, sente-se constrangido a buscar o mítico, fantasia que termina, freqüentemente, no irracional e supersticioso. O sistema platônico pretende alçar a alma humana, degradada pela separação do seu princípio de origem, mostrar ao homem o caminho pelo qual poderá atingir a divindade, e completar o processo pelo qual o Universo, derivado da Suprema Unidade, a ela retorna. A primeira emanção do Uno ou Deus é a inteligência, a segunda é a alma contemplativa das idéias e plasmadora da matéria, e a terceira, finalmente, é a matéria, que é também princípio do mal. A alma tem que começar pela contemplação da multiplicidade e harmonia das coisas para aprofundar-se em si mesma e subir ao mundo das idéias. A ausência de pecado não é suficiente para que um homem possa reconduzir-se a Deus, isto só é possível pelo êxtase estático do “homem puro”. O pensamento, em si mesmo, é uma preparação para a união com Deus, pois somente em condições de perfeita passividade e repouso pode a alma atingir o Ser Supremo.

Plotino teria, segundo Porfírio, sentido várias vezes êsse êxtase e os seus sucessores — Jâmblico, Máximo, Edésio, Crisânio e Juliano — tudo fizeram para opor ao Cristianismo uma religião simbólica, baseada essencialmente em abstrações. Pois bem, Juliano sentiu, ou diz ter sentido, desde criança, o desejo de unir-se a algo superior, dono como era de uma sensibilidade bastante desenvolvida:

“... desde a minha infância foi em mim infundido um desejo prepotente dos raios de deus. Diante da luz, mesmo a do céu, a minha mente infantil extasiava-se, mostrando que meu desejo era somente ter o olhar no Sol, e se de noite, sob um céu sem nuvens e claro eu saía ao relento, esquecia tudo, absorto na magnificiência do céu; e se

alguém me dirigisse a palavra, não a compreendia, nem mesmo a escutava” (22).

Assim narra a sua precoce experiência religiosa e no panfleto *Os Césares* (23), elogia Adriano que olhava freqüentemente o céu. Sua atitude mística não pode ser mais evidente. Assim, não se trata aqui de estudar a elaboração de uma filosofia, mas sim, de uma forma de vida: em tudo a presença dos deuses, descoberta em excepcionais estados de êxtase, com a receptividade de um primitivo, propenso a elevadíssima introspecção. O mundo terrestre e o mundo astral, campos indispensáveis nos quais exercita-se o pensamento — escada e instrumento para conquista de uma verdade superior — são esquemas que só podem ser compreendidos dentro da sabedoria clássica. A capacidade de adesão à vida, a atividade incessante que faz de Juliano um legislador, político, administrador, general, homem imerso nas aparências transitórias e cotidianas da vida, não impedem e, pelo contrário, parecem estimular sua intimidade religiosa, sua vivência espiritual,

“isto que é patrimônio dos místicos de todos os tempos, a necessidade de participar da realidade transcendente, a sensação de exílio, de caída no mundo terrestre” (24).

Juliano atribui a si mesmo um duplo papel: o de restaurador predestinado da *romanitas* e o de discípulo de *Helios Re* (25), motivo pelo qual seus escritos, seus trabalhos em geral, suas ações, demonstram profunda convicção de uma missão a ser cumprida. Iniciado como foi na teurgia de Máximo de Éfeso, sua fé baseia-se num esquema teológico próprio do pensamento helenístico —

“o Ser Supremo eterno e inacessível: o Sol como manifestação da sua potência e glória, ser intermediário entre êle e o mundo sensível; possibilidade de purificação e salvação da alma através de uma série de redensões; utilidade dos ritos como meio de alcançar êste fim divino; interpretação alegórica dos mitos; e ódio profundo ao Judaísmo e ao Cristianismo”.

Acreditamos que nesse único parágrafo Turchi (26) resume as características principais da filosofia de Juliano.

(22). — Giuliano, *Opuscoli Filosofici*, *op. cit.*, p. 25; Piganiol, *op. cit.*, p. 115; ed. Wright, *Oration IV*, vol. I, pp. 352-425.

(23). — Ed. Wright, *The Caesars*, vol. II, pp. 345-415.

(24). — R. Prati, apud *Opuscoli Filosofici*, *op. cit.*, p. 6.

(25). — Ed. Wright, *Oration IV*, *Hymn dedicated to Sallust*, vol. II, pp. 352-435.

(26). — Nicola Turchi, *La religione di Roma Antica*, vol. XVIII da *Storia di Roma*, Licinio Capelli Editore, Bologna, 1939, p. 303; R. Prati, *op. cit.*, p. 6 ss.

O Discurso ou Hino ao Rei Sol (*Ad Helios Re*), escrito em dezembro de 362, em Antioquia, para celebrar o 25 de dezembro, em apenas três noites, é quase uma “profissão de fé”. Satisfazendo principalmente às exigências emocionais e religiosas do autor, contrapõe ao Cristianismo uma nova estrutura dogmática que possui, inclusive, instituições humanitárias e disciplinares. O ponto mais alto do universo é o Uno, o bem absoluto, máximo de perfeição; da sua substância primordial é produzido à sua imagem, o Sol intelectual que comunica aquela perfeição aos deuses; imagem dêste Sol intelectual é o Sol material, que dá vida a todos os seres visíveis. Juliano adora êste sol intelectual, que é intermediário entre o Uno e o mundo sensível e que, por êste officio de mediador, possui hegemonia sôbre todos os outros deuses, que não são de fato, senão aspectos seus, se os chamarmos de Zeus, Serapis, Plutão, Baco, Apolo ou Mitra. Sua concepção heliocêntrica do panteon,

“muito caldêia como sistema astrológico e muito neoplatônica como sistema teológico”,

não se encontra verdadeiramente de acôrdo com os documentos literários da Antigüidade que atribuem a Zeus, ou seja, ao céu, o primeiro lugar (27). Nesse Hino êle declara sua dependência em relação a Jâmblico e, na verdade, a parte original que lhe reconhecemos não está pròpriamente no conteúdo dos seus trabalhos, mas na sensibilidade, na paixão que coloca em cada argumentação, no seu misticismo e intuição incomunicáveis.

O que constitui a piedade de Juliano é

“a exaltação da fôrça, o fervor que coloca a consciência humana em contáto com o divino, o espírito sentido como próprio deus ou como parte divina do homem”.

Numa interpretação no sentido espiritualístico, Doldinger acentua êsse aspecto pelo qual a atividade pensante — em Juliano — é concebida como substância do divino e Hélios está presente no homem, como mediador do conhecimento. O vivente, o espiritual, aspirante à plenitude, às fôrças libertadoras, o profundamente cristão na alma de Juliano é, para Doldinger, o que o leva a opor-se ao cristianismo da época, considerando-o insuficiente para satisfazer às necessidades de conciliar a experiência cósmica com experiência do espírito (28).

(27). — N. Turchi, *op. cit.*, p. 304.

(28). — Fr. Doldinger, *Kaiser der Sonnernbokenner*, Stuttgart, 1926, pp. 36, 61, ecc. apud *Opuscoli Filosofici, op. cit.*, pp. 12-13.

Também o Hino à Mãe dos Deuses fundamenta-se em um princípio que chega a abranger tôda a concepção grega, da filosofia à arte: a força original, caótica, prepotentemente vital e fecundadora que deve ser ordenada, corrigida e delimitada pela virtude da forma (29). A base filosófica dêsse trabalho é a teoria das formas conjuntas com a matéria e talvez provenha da necessidade de conceber as causas primeiras destacadas dessa.

Das idéias expostas surge a interpretação do mito de Atis, com conclusões de sentido naturalístico, aplicações morais e explicação das figuras conhecidas: a Mãe, a Ninfa, o Coribante, o Leão. Para Juliano, a revelação secreta dos mistérios, a simbolização mítica tendem a tornar-se saber racional. As fontes platônicas, neo-platônicas, oraculares e as tentativas especiais do filósofo, deslocam a figura de Atis e da Mãe, na hierarquia divina, em um duplo aspecto: Atis, deus gerador da matéria torna-se, simultâneamente, princípio das formas e ordenador do mundo terrestre, enquanto que a Mãe dos Deuses torna-se a Virgem Providência, numa desejada contraposição à Virgem-Mãe do Verbo cristão (30).

Da compatibilidade das idéias de Juliano com as cristãs, podemos fazer desde já uma observação: se compararmos o essencial do Hino ao Rei Sol com as idéias expostas no prólogo do Quarto Evangelho, que é a base da metafísica cristã, constataremos a semelhança. Sempre o mesmo conceito fundamental de um deus supremo, do qual emana um princípio racional, através do qual o mundo é criado e torna-se ativo ao assumir uma forma determinada e visível. Quando Juliano — depois de haver falado das formas invisíveis do deus — comenta:

... “êste disco que aparece como terceira forma de Deus é causa eficaz da salvação dos seres sensíveis” (31),

bastaria que substituíssemos a palavra disco por *logos* para termos uma frase cristã. A razão pela qual Juliano vê no Sol a revelação de deus é a consideração da luz como princípio vital e divino por excelência (32).¹ A analogia entre o princípio da vida e a luz, entre a luz e o

(29). — Ver *Opuscoli Filosofici, op. cit.*, p. 61 ss; N. Turchi, *op. cit.*, pp. 304-305; Eugène Albertini, *L'empire romain*, Libraire Félix Alcan, Paris, 1936. Vol. IV, pp. 374-377.; Rémondon, *op. cit.*, pp. 166-167.

(30). — R. Prati, *op. cit.*, p. 13.

(31). — Giuliano, *Opuscoli Filosofici, op. cit.*, p. 29.

(32). — A adoração da luz e do sol ocupa lugar tão importante nas religiões que Max Muller e os da sua escola afirmam que tôda mitologia grega não é senão uma longa lista de fenômenos solares personificados: “Quanto mais penetramos na natureza íntima dos mitos, mais nos convencemos de que êles procedem, na maioria, do Sol” — apud *Dictionnaire Illustré de la Mythologie et des Antiquités Grecques et Romaines*, par Pierre Lavedan, Librairie Hachette, Paris, 1931, p. 883.

logos, é encontrada freqüentemente nos livros cristãos, e é um dos motivos pelo qual o Quarto Evangelho retoma com insistência maior as suas variações:

“houve um homem enviado por Deus, que se chamava João. Este veio por testemunha, para dar testemunha da luz, a fim de que todos cressem por meio dêle. Ele não era a luz, mas era para dar testemunho da luz: (Verbo) era a luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem a êste mundo. Estava no mundo e o mundo foi feito por êle”... (33).

Vejamos as relações do Verbo com Deus:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. Tôdas as coisas foram feitas por êle, e nada do que foi feito, foi feito sem êle. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens” (34).

Em Juliano, o *Helios Re* ocupa também uma posição central, como senhor da ordem ideal e primeiro agente na criação do mundo físico (35). Desenvolve, praticamente, uma nova teogonia hesiódica, uma hierarquia de seres divinos “derivados”, por emanção, do Supremo Deus; de um auto-princípio de unidade deriva o múltiplo mundo dos fenômenos, cujas entidades individuais somente possuem realidade e significação enquanto forem compreendidos pelo Uno pré-existente e intelegível (36). Abrigando, como bom platônico, a concepção de que a religião é a âncora salvadora da vida política, tudo tenta para impor a que considera melhor. Essas — e algumas outras — razões, levam-nos a pensar que sua apostasia foi o abandono de um mundo imposto e o encontro com uma religiosidade mais interiorizada, mais correspondente às tendências místicas da sua alma.

* *
*

(33). — O texto original diz: A luz verdadeira, a que ilumina todo o homem, vinha do mundo.

(34). — *Evangelho de Jesus Cristo segundo São João, Bíblia Sagrada*, Edições Paulinas, São Paulo, 9a. ed., s/d., p. 1283.

(35). — A figura de Hélios possui, na mitologia grega, algo mais moral, mais puro que as divindades olímpicas. A partir do Império notamos que o conceito do Sol sofre um enriquecimento, por sua assimilação com numerosas divindades orientais, sobretudo com os Baals sírios e com Mitra. Para maiores informações, P. Lavedan, *op. cit.*, pp. 883-886; Frederico Carlos Sainz de Robles, *Ensayo de un Diccionario Mitologico Universal*, Aguilar, Madrid, 1958, pp. 493-495; *Grant Myths of the greeks and romans*, Weudenfeld and Nicolson, London, 1962, pp. 387-389 e 440-443.

(36). — Cochrane, *op. cit.*, 271-272.

II. — JULIANO E OS JUDEUS.

Deveríamos ter colocado anteriormente uma pequena restrição no comentário que fizemos nesse mesmo artigo, a propósito de uma citação de Turchi. O ódio de Juliano pelos cristãos não chega a comparar-se ao que êle sente pelos judeus. Aos cristãos é voltado o seu rancor e não pròpriamente aos judeus. Vejamos.

Se a filosofia de Juliano é consequência de uma decepção, sendo a sua vida pontilhada de desesperanças, deixa esclarecido o papel que desempenha (37). Os seus objetivos religiosos assumem tôda importância histórica a partir do momento em que, devido à sua autoridade como imperador, são colocados em prática, no “social”, no terreno pròpriamente histórico. Sua tentativa em adaptar os deuses do politeísmo mediterrâneo ao seu projeto, intensifica-se simultâneamente à identificação que é feita entre helenismo e paganismo com a formulação de um govêrno ideal (38). Quando um homem desenvolve a crença de que neste mundo a felicidade é inatingível, surge a suspeita do seu alcance em um outro mundo, que pode ser extra-terreno ou mesmo a reformulação do existente.

“A sofrosine deve ter alguma recompensa, a felicidade não pode consistir unicamente em um não-atoar”...

Embora seja Platão um dos principais responsáveis pela difusão dessa crença, ao colocar o mundo como um lugar de trãnsito apenas, Juliano parece tê-la negligenciado, de certa forma, porque suas esperanças estavam na terra. Erigido num sistema idealístico-panteista, sua filosofia projetava dar ao paganismo uma vida nova, considerando os diversos deuses como modalidades de uma revelação única, salvar e enobrecer a mitologia mediante a interpretação alegórica (39).

Depois de haver fornecido auxílio formal aos cristãos, o neoplatonismo convertera-se em uma filosofia de “círculo de intelectuais”

(37). — Sendo a filosofia uma concepção de vida, reflete integralmente o homem que a elabora. E sòmente o homem pode estar consciente da sua limitação e, sobretudo, da sua morte: “essas duas propriedades, desejo do infinito e consciência da sua limitação, produzem dentro dêle uma tensão em razão da qual êle aparece diante de si mesmo como um trágico enigma”. A sua concepção de vida é sempre uma resposta a êste enigma. Juliano não foge disso: a marca de uma necessidade do absoluto que o homem não pode ignorar e cujas manifestações são o motor das realizações mais fecunda e dos malogros mais dolorosos, é reflectida em tôda a sua tragetória filosófica.

(38). — Ed. Bidez, *Discours*, *op. cit.*, p. 113.

(39). — Gustav Schnurer, *La igreja Y la civilización occidental en la edad media*, versión de José Miguel de Azaola, Ediciones Fax, Madrid, 1955, p. 7.

que desprezavam o Cristianismo por considerá-lo uma adulteração das idéias platônicas. Esse círculo contava com representantes autorizados entre os retores e filósofos, como também no seio da aristocracia conservadora. Uma das manifestações do zêlo míope de Constâncio foi precisamente a crença de que a clausura dos templos, a proibição dos sacrifícios pagãos e o estabelecimento da pena de morte para os que permanecessem em falta seriam suficientes para a difusão dos seus princípios. Tão inocente quanto Juliano — com suas convicções quanto ao poder de atração, de interiorização dos autores clássicos — Constâncio deixara a cargo dos sofistas e filósofos neoplatônicos a direção dos estudos superiores e das classes dirigentes, fornecendo-lhes oportunidades de receber a adesão dos jovens. Juliano procura não cometer êsses erros, conforme seu edito educacional de 362 (40). Os ideais do Cristianismo opõem-se de várias maneiras aos da civilização antiga. Partindo do abandôno do mundo terreno, passageiro, procura alcançar o sobrenatural e eterno. Juliano, sendo grego por formação e crença, não concebe a realidade senão çomo tempo presente. As visões, o outro mundo não são senão produtos da imaginação de “loucos galileus”. Não sente senão antipatia para com o “pessimismo cristão” e julga-o perigoso, principalmente os seus representantes, os eremitas, “que populam em nome de Deus a solidão do Oriente”. Quanto aos monges, considera-os “aversivos” e, na crítica que dirige aos cínicos, compara-os a êsses religiosos, “expoentes profissionais da lei cristã”. O repúdio à vida, aos clássicos, pela adesão à uma vida de mortificação, é atitude própria de uma mentalidade bárbara e servil, bem exemplificada no

“culto a um deus ensanguentado e expirante” (...) “A certos sectários-solitários e heréticos — aplicam os galileus a palavra. A maior parte dêles são pessoas que, com pequeno sacrificio pessoal, acumularam não pouco, ou melhor, todo o possível, sôbre o que asseguram para si a honra, deferências e adulações... Como abandonaram sua pátria para errar como vagabundos pel terra, preguiçosos e insolentes” (41).

Seriam os monges “os cínicos do mundo cristão”. Para Juliano, adepto do ideal do *kaloskagatos*, o abandôno da razão significava a subversão de uma ordem ideal.

(40). — Julien, *L'empereur, Lettres, Oeuvres Complètes*, texte revu et traduit par J. Bidez, Collection des Universités de France, Société d'édition Les Belles Lettres, Paris, 1924, Tome I, II^{er}. Partie, Lettre n^o 61, pp. 72-75.

(41). — Giuliano, *Opuscoli Filosofici, Contro i Cani Ignoranti*, p. 87 ss.

O paganismo, qualquer que fôsse a sua forma, não tinha uma religião ou crença fixa. Não podia levantar a questão de incompatibilidade de uma das suas formas com outras. Qualquer culto era passível de harmonizar-se, desde que observasse o de Roma, ou seja, o do Imperador. Nenhum pagão podia objetar conscientemente às formas de adoração que não fôssem as que tivesse conquistado com a sua preferência (42). Mas os judeus opunham-se a isso: tinham um deus pessoal e não aceitavam outro. Como eram numerosos, poderiam apresentar sérios problemas políticos: Os judeus foram perseguidos por Constâncio e, como conseqüência, a Palestina levantou-se contra Galo e os judeus da Mesopotâmia uniram-se aos persas.

Juliano não está disposto a ver no judaísmo uma filosofia de alcance universal porque êsse privilégio cabe ao helenismo. No entanto, Jeová, como deus étnico, merece o seu respeito (43). No *Tratado Contra os Cristãos*, Juliano formula uma crítica comparando os deuses do paganismo com o "exclusivista" dos hebreus (44). Numa das suas comunicações, que visa dar normas para a moralização social, diz:

“— Que nenhuma pessoa tente, com seus discursos enganadores, abalar a nossa fé na Providência. Aquêles que nos lançam essas objeções insultantes, os profetas dos judeus, que dirão do seu templo, três vêzes destruído e ainda não reedificado? Eu não falo nisso para fazer-lhes uma afronta, eu que projetei restabelecer, em honra ao deus que se invoca, êsse templo arruinado há tanto!” (45).

De fato, no comêço de 363, Juliano encarregou Alípio de levantar o templo de Jerusalém. Segundo Amiano (46), êle desejava eternizar o seu nome com construções suntuosas. Por intermédio de Libânio, amigo do patriarca Gamaliel, ficara conhecendo o desêjo dos judeus e achara ser boa política anular o ódio que sentiam por Roma. Mas, pelo que nos consta, o seu interêsse mais claro era refutar a profecia, segundo a qual o templo não seria reerguido. Nesse caso, foi bem infeliz porque só conseguiu confirmá-la: tremores de terra e incêndios não permitiram a conclusão dos trabalhos planejados (47). Embora

(42). — P. Hughes, *História da Igreja Católica*, Dominus, São Paulo, 1962, p. 19.

(43). — Piganiol, *op. cit.*, p. 138.

(44). — Ver Negri, *op. cit.*, pp. 227-239 e pp. 260-261; ed. Wright, *Against the Galilaeans*, vol. I, pp. 319-427; ed. Bidez, *Lettres*, pp. 151-155.

(45). — Ed. Bidez, *Lettres* (89b), pp. 155-174.

(46). — *Idem.*

(47). — Ver ed. Bidez, *Lettres* (nº 134), *Aux Juifs sur la reconstruction du temple de Jérusalem*, p. 197 e pp. 128-129.

Juliano procure demonstrar a inferioridade da lei mosaica comparada às de Licurgo, Sólon e Rêmulos, e que a história prova que os judeus são uma raça abandonada pelo favor divino e não privilegiada como pretendem, afirma que o cristianismo não pode — mesmo assim — representar o mais qualificado do judaísmo. O Cristianismo teria escolhido entre a Lei e os Profetas, os Profetas, que pretendiam mais inovar do que conservar o código mosaico. Por isso: —

“Os galileus, como sangue-sugas, chuparam o pior sangue das origens e deixaram o mais puro” (48).

Os argumentos empregados contra o Cristianismo não são falhos de base: — a falsa divindade do Filho, o Pai que não é outro senão o deus Jeová, um deus nacional entre outros, e o Cristianismo uma gnose entre outras. Sua crítica é iniciada com a colocação de Jesus como uma fábula que atrai somente a parte crédula e infantil do espírito (49). Esse homem, longe de ser a encarnação do Verbo, é apenas um lavrador iletrado, cujos ensinamentos — precários em verdade e beleza — são falhos e essencialmente subversivos. O *Tratado* que compõe em Antioquia — segundo Negri, a sua obra mais refletida, mais liberta dos preceitos filosóficos e escolásticos (50) — é de fundamental importância, principalmente para nós, porque é testemunha não só da sua apostasia, mas da forma pela qual pretende impedir o desenvolvimento do Cristianismo. E’ preciso ressaltar dois pontos principais nos quais se baseia a polêmica do *Tratado*: a). — a superioridade do politeísmo sobre o monoteísmo hebraico, que êle acredita ser uma aplicação errada de um princípio essencialmente certo; b). — a contradição em que caem os cristãos — galileus como são chamados — que afirmam que a sua doutrina deriva da religião hebraica e a ofendem simultaneamente. Os pontos que norteiam a crítica de Juliano contra os cristãos são: que êles se diferenciam tanto dos gregos quanto dos hebreus, porque êsses, salvo o princípio da unicidade de deus, em tudo assemelham-se aos gregos. A idéia de uma trindade divina — acredita — ofende o monoteísmo hebraico e precisamos acentuar que, de fato, o dogma da Trindade foi visto com repugnância pelos que se uniam às premissas do monoteísmo, sendo motivo de sérias divergências. Quanto ao culto dos mortos, alega que os cristãos, não satisfeitos em adorar um morto, adoram os que morreram depois dêle, em santuários e tumbas, etc.

(48). — Cochrane, *op. cit.*, p. 263.

(49). — Rêmondon, *op. cit.*, p. 156; Negri, *op. cit.*, pp. 227-239.

(50). — Negri, *op. cit.*, p. 229.

“Parece-me conveniente expor a todos as razões pelas quais eu fui convencido de que a tóla doutrina dos galileus é uma invenção criada pela persersidade humana, não tendo em si mesma nada de divino (...) tenta fazer passar por verdadeiras suas fábulas prodigiosas (...) Vale a pena examinarmos brevemente daonde e de que maneira vem a nós, em primeiro lugar, a idéia de Deus. Quem confrontar o que se diz a respeito da divindade, junto aos gregos e junto aos hebreus, e, depois disso, interrogar àquêles que não são nem gregos nem hebreus, mas pertencem à heresia dos galileus, por que motivo preferiram à nossa a doutrina dos galileus, e mais, que não permaneceram nesta, mas desta separaram-se por um outro caminho (...) verão que, não aceitando nada do que nós, gregos, temos de belo e de bom e nada do que os hebreus tiveram de Moisés, preferiram ao contrário os vícios que a uns e outros foram impostos como por um demônio perverso, a impiedade da intolerância hebraica, a vida viciada e a torpe loucura e intemperança e ousaram chamar a isto religião” (...). “Que Deus nos princípio tenha cuidado sòmente dos hebreus e dêstes feito o povo eleito, não o diz sòmente Moisés mas também Jesus e Paulo. Esse homem mudava as suas convições a respeito de Deus como os pólipos mudam a cor da pele” (...) ora sustentava que sòmente aos hebreus é dada a eleição divina, e ora, desejando fazer os gregos devotos, dizia: — Deus não é sòmente o Deus dos hebreus, mas de tôdas as gentes. Mas, neste caso, por que — se deveria perguntar a Paulo — Deus deixou sòmente aos hebreus o dom profético, Moisés, o crisma (óleo santo) e a lei dos milagres? E, enfim, mandou a êles também, Jesus? A nós, pelo contrário, nenhum profeta, nenhum sacerdote, nenhum mestre, nenhum anúncio, da sua tardia benevolência? Antes, êle não preocupou-se por uma infinidade, ou se desejam, por milhares de anos, com todos aquêles que, do Oriente ao Ocidente, do Setentrional ao Meridional, na sua ignorância adoravam os ídolos, e não teria feito exceção senão de uma pequena fileira, que há menos de 2000 anos habitava a Palestina. Se êle é Deus e criador de todos, por que negligencia-nos? (...) E devemos acrescentar que êles sòmente ou sòmente alguns da sua raça foram predestinados a formar um conceito racional dêste Deus do Universo?” (...) “Confrontemos aquela doutrina à nossa. Os nossos mestres afirmam que o criador é pai e rei do universo, que distribuiu os povos entre divindades étnicas e locais, tendo dada uma das quais o govêrno segundo a sua própria natureza. Se no pai tudo é perfeito e único, nos partidários variam as faculdades de um para o outro. Assim, Marte governa os povos beliciosos, Minerva, os sábios e os beliciosos também. Mercúrio, os prudentes mais que aos audazes; enfim, os povos conduzidos pela divindade nacional, seguem a tendência essencial de cada uma delas. Ora, se a experiência não

confirmasse a nossa doutrina, essa seria uma invenção ou um artifício tolo e a dos galileus, pelo contrário, deveria ser louvada. Mas, se ao invés a experiência dos tempos infinitos é prova do que aqui afirmamos, enquanto nada concorda com as idéias dêles, por que possuem tanta ansiedade em disputar? Digam-me, por favor, qual seja a causa pela qual os celtas e os germanos são corajosos, os gregos e os romanos são civis e humanos mas também de ânimo forte e guerreiro, os egípcios mais prudentes e industriosos, os sírios imbeles e tímidos, mas rápidos no aprender? Se de tais diversidades entre os povos não desejamos ver causa alguma e se afirmamos que estas verificam-se automaticamente, como poderemos crer que o mundo seja governado pela Providência? (...) se desejamos encontrar causas, como fazê-las sair de um só criador? E' claro que a natureza humana colocou para si mesma uma lei que lhe era adaptada: civil e humana, onde dominava a benevolência, rude e desumana onde tal era a índole dos costumes. Pois que o legislador bem pouco acrescentaria, com a educação, às disposições primitivas (...) Por que então, tais diferenças entre os povos nos costumes e nas leis?" (51).

O grande êrro dos cristãos seria o de terem abandonado o culto hebraico:

"Enviaram aos hebreus a ira e o ódio, destruíram os templos e os altares, mataram não somente aquêles homens que permaneceram fiéis às leis pátrias, mas também os heréticos que confessavam os seus próprios erros, e isso somente porque, na sua lamentosa adoração do morto, não seguem os seus ritos. E tudo isso é obra de vocês, pois que nem Jesus nem Paulo comandou-os. E a razão é que eles não esperavam que vocês conseguissem tanta potência. Estavam bem contentes, em enganar qualquer criado ou qualquer escravo" (...) "Se aos menos os cristãos tivessem permanecido fiéis à doutrina dos hebreus (...) mas não, distanciaram-se dessa mais que da nossa. A impiedada cristã é composta do orgulho hebraico e da leviandade helênica. Tomando das duas partes não o que tem de bom mas de pior, teceram uma veste de vícios"... (52).

Dirigindo-se aos judeus, após prometer-lhes um reinado

(51). — Tratado Contra os Cristãos, apud Negri, *op. cit.*, pp. 227-239; ed. Wright, vol. I, pp. 319-427. Aqui fica claro a sua concepção dos deuses tutelares "de nações e cidades". Trata-se, como observa Bidez (*Lettres*, p. 160, nota 2), da doutrina das idéias de Platão combinada com a etnografia astrológica. Os deuses são chamados de genearcas porque precedem a geração.

(52). — *Tratado Contra os Cristãos*.

“inteiramente livre de preocupações e gozando a paz” — diz: “Aquêles homens, uma vez que estão libertos de preocupações, se alegrarão em fazer, com tôda a alma, preces e súplicas pelo bem do império a Deus, grande e prepotente, para que coloque o nosso reino no caminho ótimo, como nós o desejamos. Isso deveriam fazer a fim de que, conduzida a um bom fim a guerra contra os persas, eu possa reconstruir, com o meu trabalho a santa cidade de Jerusalém, por vocês fundada, que há tantos anos desejo ver, e nela, junto a vocês, farei homenagem ao Onipotente” (53).

Gregório de Nazianzo (54) diz que Juliano

“exaltando os judeus com textos tirados dos seus livros santos, declara que para eles havia chegado o momento de reentrar na sua pátria, reconstruir seu templo e tornar forte e vigoroso seus costumes ancestrais”.

A simpatia de Juliano também se expressa como vimos, quando opõe, aos “galileus degenerados”, os hebreus que teriam permanecido fiéis às tradições. Se os cristãos são várias vezes desprezados ou tratados com termos não elogiosos (56), os judeus merecem uma solicitude constante (57).

* *
*

III. — CRISTIANISMO E PAGANISMO.

O Cristianismo não se contentou em ser um dos muitos cultos que proliferavam em Roma e recusar ao culto estatal num Império em que a religião está tão interiorizada socialmente, com ênfase no aspecto civil, significa refutar a própria cidade, deserção das mais reprováveis.

“Enquanto cristão — escreve o filósofo Porfírio sobre Orígenes — vivia contrário às leis”,

(53). — Apud Negri, *op. cit.*, pp. 260-261.

(54). — Ed. Bidez, *Lettres*, p. 129, nota 2.

(55). — Ed. Bidez, *Lettres*, p. 128.

(56). — Ver por exemplo, como Juliano se refere aos cristãos nas cartas a Artábio, Ecebólio, Aécio, aos habitantes de Bostra, no *Tratado Contra os Cristãos*, etc; ed. Wright, vol. III, p. 123; ed. Bidez, *Lettres*, pp. 143-144, pp. 193-195 e p. 234; Negri, *op. cit.*, pp. 227-239.

(57). — Negri, *op. cit.*, pp. 260-261.

frase que deixa expresso, de forma sintética, o juízo dos romanos dos primeiros séculos. Tertuliano e outros escritores cristãos, procuraram negar a acusação feita de deserção da vida cívica, mas os pagãos não conseguiam esquecer as palavras evangélicas: — “Teu coração está onde está o teu tesouro”, e o tesouro dos militantes de Cristo não era a cidade terrena, mas a celeste. O próprio Tertuliano, aliás, coloca um limite para a obrigação política. Dissertando sobre as palavras

“Dai a César o que é de César”, responde: — “Temos do César a imagem impressa na moeda, de Deus, a imagem impressa nos seres humanos. Dai a César sua moeda, e dai-vos a Deus (...) Seguimos, pois, a instrução apostólica de submettermo-nos às magistraturas, principados e poderes, mas somente dentro dos limites da disciplina, isto é, enquanto nos mantivermos puros de idolatria” (58).

Tudo o que o Império pode exigir do cristão, de acordo com esse pensamento, é que o sustente com suas taxas e orações. Convicção interior, adesão consciente e plena são os elementos necessários aos que adotam o novo credo.

O Cristianismo como doutrina, jamais pretendeu conquistar pela força física, nem era seu objetivo a derrocada da “ordem romana” por meios materiais, embora a considerasse destinada à extinção, dadas as suas diferenças, prevendo que ela marcaria o estabelecimento da soberania de Cristo. Finalmente, ignorados e perseguidos durante todo o período anterior, os cristãos adquirem no século IV não só a liberdade como também a primazia (59), e talvez nessa súbita ascensão esteja o erro, a razão do alto preço que a Igreja teve que pagar para impor-se. Tornando-se uma “religião de Estado”, tem o privilégio de contar com a força governamental e a desvantagem ou o inconveniente de aceitar a ingerência do poder temporal do domínio da consciência e da fé. A situação do Cristianismo no IV século é, para Negri, consequência do seu reconhecimento como religião oficial por Constantino (60). A deturpação dos seus ideais básicos — então cultivados apenas nos mosteiros tal como numa estufa — parece aos não-cristãos um processo progressivo, como uma força destrutiva que coloca em perigo todas as tradições de cultura e patriotismo, tendendo a uma catástrofe inevitável. Esse é o parecer de Juliano, que proclama-se defensor da civilização antiga e dos seus ideais.

(58). — Ver. tb. Tertuliano, *Apol.* 33-4 apud Cochrane, *op. cit.*, p. 227.

(59). — Labriolle, *op. cit.*, pp. 17-18.

(60). — Negri, G., *op. cit.*, pp. 501-503.

Juliano é um heleno e com êle a roda do destino completa a sua volta. Partindo do monoteísmo solar dos seus antepassados, Constantino se identificara com o cristianismo. Sob seus sucessores, Constantino e Juliano, foram feitos esforços para afastar conseqüências do ajuste de Constantino, porém, enquanto que sob o primeiro observamos um gradual retrocesso ao sistema, sob Juliano trata-se de uma reação contra êle, procura-se a restauração do politeísmo, como base de uma polis reabilitada, na qual o sentimento de religião é expresso como uma das funções da vida política organizada. Identificando paganismo e helenismo, acredita descobrir nas idéias platônicas o caminho verdadeiro para a ciência da natureza e do homem e ainda, um instrumento para “curar”, “expurgar” a sociedade. Nesse intento — diz Cochranne — assume o papel de médico inerente ao do filósofo-rei e anuncia a chegada de uma nova era para a *romanitas*.

A tarefa de Juliano é orientada por concepções culturais, sua “perseguição” aos cristãos é tôda original e por isso Gregório o teme (61). Os cristãos já estavam habituados às perseguições que chegavam mesmo a reforçar o fervor religioso, mas a crítica filosófica, que busca atacar “os alicerces”, os princípios, é nova: um jovem imperador que escreve para as cidades, que se justifica, cujo ideal é o império pagão de Augusto, de Trajano, de Marco Aurélio! (62).

Sozomênio (63) nos informa que Juliano, compreendendo que o Cristianismo tira a sua fôrça da maneira de viver daquêles que o professam, resolve introduzir, nos templos helênicos, o aparelhamento e a organização do culto cristão, com tribunos e lugares de honra, com mestres e leitores, para o ensinamento dos dogmas e da moral helênicas, com preces impostas em horas e dias fixos, com mosteiros para homens e mulheres que desejem dedicar-se à filosofia, com asilo para os estrangeiros e mendicantes, todo o tipo de obras de filantropia a favor dos indigentes (64). Deseja restabelecer, por êsses meios, o prestígio das crenças pagãs. Ao seu próprio clero é atribuída a culpa do “desfalecimento” dos deuses, não ao povo. O clero é o responsável porque ter se esquecido dos seus deveres, deixando que o “ateísmo” (65) atraísse o povo com promessas sedutoras (66).

(61). — Ver Gregório de Nazianzo apud Negri, *op. cit.*, pp. 408-411 e p. 416.

(62). — Rêmondon, *op. cit.*, pp. 165-166.

(63). — Sozomênio, apud ed. Bidez, *Lettres*, p. 98.

(64). — Ver Bihlmeyer — Tuechle, *História da Igreja, Antigüidade cristã*, tradução de P. Ebion de Lima, Edições Paulinas, São Paulo, 1964, vol. I, p. 215.

(65). — Quer dizer, cristianismo. Ver Piganiol, *op. cit.*, pp. 136-137; Labriolle, *op. cit.*, pp. 187-188.

(66). — Ed. Bidez, *Lettres* (nº 84), p. 144.

A restauração pagã sob Juliano é ética. Analisemos a lei escolar de 362 sob qualquer prisma e veremos que — independente dos aspectos e conseqüências negativas — seu conteúdo é principalmente de ordem moral. Moral por que a verdade está no helenismo e não é possível pecar contra ela, nas ações (prática) ou nas doutrinas (teoria) —

“Os mestres-escolas e os professôres distinguem-se primeiro pelo costume e, em seguida, pela eloqüência” (67).

Sabemos que a moralidade é uma relação do ato humano, porque o ato é chamado moral por referência a alguma coisa. A máxima da moralidade é a razão humana, que é o seu intérprete mais fiel e autêntico. Assim Juliano, que concebe o paganismo como um Bem, age moralmente ao defendê-lo. Apesar da opinião expressa, não deixamos de reconhecer o uso de certas “artimanhas” na consecução dos seus objetivos e mesmo as transgressões e demagogias, quando aconselháveis aos interesses (68). O favoritismo confessional que emprega quando toma consciência da ineficácia “oral”, não pode ser considerado válido por nós, que não estamos dispostos a justificar os meios pelos fins. O que pretendemos mostrar é que Juliano está tão próximo do cristianismo quanto possível.

Remontando à tentativa de Maximino Daia, cria um corpo sacerdotal sôbre o modêlo do episcopado cristão e pretende obrigá-lo a seguir seus dogmas pessoais (69). Ressaltamos, a título de exemplo, algumas das regras mais importantes que procura difundir por cartas enviadas às diversas regiões do Império:

- Os sacerdotes que toleram que sua família ou dependentes negligenciem os deuses, devem ser afastados do cargo.
- Não devem os padres freqüentar o teatro, a taverna ou exercerem qualquer ofício vergonhoso.
- O clero deve ter o mínimo de amizade com os governadores.
- Oos padres não devem sair da Igreja para receber qualquer personalidade que a ela se dirija (70).
- Amar alguém que não honra aos deuses (um cristão) é prejudicial em qualquer residência.

(67). — Ed. Bidez, *Lettres* (nº 61), p. 72.

(68). — Por exemplo ed. Bidez, *Lettres* (nº 114), p. 193 ss, o caso ocorrido com o bispo de Bostra e p. 94 a ironia com que proíbe aos cristãos o exercício militar.

(69). — Labriolle, *op. cit.*, p. 168.

(70). — Ed. Bidez, *Lettres* (nº 84), p. 144 ss.; ed. Wright (nº 57), pp. 197-201.

- Amar alguém que não honra aos deuses e que não quer converter-se é estar em falta.
- Um escravo inimigo dos deuses é prejudicial em qualquer residência.
- E' dever de todo o padre purificar, em primeiro lugar, a sua própria casa.
- E' desaconselhável ter amigos cristãos, a não ser com o objetivo de convertê-los (71).
- Um sacerdote — mesmo não sendo bom — merece todo o respeito até que seja provada a sua indignidade (72).
- Um chefe deve ter como primeira qualidade a equidade, depois a bondade e a humanidade para os que são dignos.
- Os padres que se mostrarem injustos com os homens e ímpios com os deuses, e insolentes, devem ser repreendidos pelo superior e, se fôr o caso, castigados com severidade (73).
- E' dever de todo o padre dar exemplos de respeito às leis consagradas pela providência divina.
- A vida sacerdotal requer maior santidade que a vida civil.
- A filantropia deve ser praticada porque proporciona o favor dos deuses.
- A esmola deve ser dada como tal e não à pessoa.
- A humanidade não deve prejudicar a justiça.
- Todo homem é do homem um parente.
- Veneração pelos deuses, bondade para os homens, pureza quanto ao corpo são disposições que cada um de nós deve fazer suas, cumprindo as obras de caridade, fazendo dos deuses objetos de meditação piedosas.
- Os templos e as imagens devem ser consideradas com deferência e devoção, como se os deuses estivessem presentes.
- Os padres devem ser adorados como ministros e servidores dos deuses — eles cumprem por nós os deveres junto aos deuses e contribuem poderosamente para conseguir-nos benefícios.
- Os padres merecem homenagens iguais ou maiores que os magistrados civis.
- E' preciso ser caridoso primeiramente e aproximarmo-nos dos deuses com respeito, sem nada dizer e nada escutar de vergonhoso.

(71). — Ed. Bidez, *Lettres* (nº 86), pp. 147-149.

(72). — *Idem*, (nº 80), pp. 149-151.

(73). — *Idem*, (nº 89), pp. 151-155.

- Os padres devem abster-se de tóda ação impura, de tóda prática licenciosa, de propósitos indecentes: — é preciso banir a alegria grosseira e a conversação obscena.
- Os hinos de honra aos deuses devem ser aprendidos de cor, pelo menos os que são cantados nas igrejas e nos templos.
- E' preciso rezar aos deuses, em particular e em público, de preferência três vêzes ao dia.
- E' proibido aos padres vestimentas magníficas, as vestes devem ser as da vida comum e sem luxo.
- E' proibido ao padre freqüentar espetáculos licenciosos e profanar as vestimentas sagradas, oferecendo-as ao espetáculo da multidão, manchando símbolos da divindade com a aproximação dos impuros (74)

Quanto às condições para ser sacerdote, requer apenas duas: “amor aos deuses” e “amor aos homens”. A evidente semelhança com os princípios cristãos leva Negri a afirmar que

“se ao invés de um Jorge, (Juliano) tivesse convivido com um Atanásio, com um Ambrósio, um homem que soubesse imunizar o Cristianismo dos defeitos da época, certamente teria escolhido outra religião”.

Muito longe nos levaria a discussão dessa hipótese.

A consciência que Juliano possui da sua missão, como Soberano Pontífice,

“pouco digno de tão grande honra, mas aspirando ser e não cessando de rogar aos deuses êsse favor”,

é bem clara. Na carta a Teodoro (75), demonstra o seu cuidado em planejar —

“Venho atenciosamente sugerir algumas reflexões. Bem fará em me acreditar nesses assuntos. Todos os deuses sabem. Eu não improvise aqui. Pessoa alguma avança com maior prudência que eu” (...).

Mesmo sendo um heleno, coloca muita importância no ascetismo e na vida levada em função da purificação. Assim, embora permaneça o princípio da *sofrosine* ou do “domínio de si mesmo” a atuar, cede

(74). — *Idem*, (nº 89b), pp. 155-174.

(75). — *Idem*, (nº 89), pp. 151-155.

seu pôsto de primazia hierárquica à virtudes como piedade e santidade, qualidades estreitamente ligadas ao sentido e dependência de um Deus.

O êrro de Juliano, comum à maioria dos reformadores, é o de acreditar que à sociedade, como ao indivíduo, bastam ensinamentos para moralizar. O Cristianismo não conseguira moralizar o mundo porque êsse não estava preparado para recebê-lo. Porém, enquanto constituía êle uma religião de fácil compreensão para o povo, o paganismo, estreitamente ligado às especulações gregas, se tornou pronunciadamente uma religião de elite. Segundo Piganiol, mesmo o deísmo de Constantino, tal como aparece no início do seu reinado, teria mais chance de angariar a simpatia e a fé popular que a religião de Juliano.

Independente dêle, mas estreitamente relacionado com êle, o paganismo está destinado ao fracasso. O imperador iludiu-se pensando em moralizar a sociedade com o retôrno ao antigo. Como observa Turchi (76) a decadência do paganismo está baseada em fatôres de ordem política-social, filosófica e religiosa-mística. Roma Imperial, com o culto do soberano, havia elaborado uma plataforma religiosa para a união dos vários povos do Império, mas, quando essa figura perde seu poder de atração, a religião não teve onde se apegar. Os diversos cultos que proliferavam em Roma necessitavam ser fundidos em uma forma unificadora, baseada principalmente na “interioridade individual”, prescindindo da estrutura estatal, pois que o antigo particularismo cívico enfraquecera, submerso nos múltiplos cultos dos súditos do Império, aumentado pelo edito de cidadania de Caracala. A crítica filosófica do politeísmo, baseada no pensamento neoplatônico e na mística neopitagórica, precisava ser respondida por um conceito de deus único e transcendente, não ligado à materialidade dos cerimoniais das velhas liturgias particulares, mas adorado como espírito e verdade. Na hora da morte, Juliano teria compreendido o fracasso da sua tentativa e pronunciado as célebres palavras “Venceste, Galileu”!. Para Bihlmeyer-Tuechle elas são apenas uma invenção cristã, embora correspondam à realidade dos fatos (77).

(76). — Turchi, *op. cit.*, p. 310.

(77). — Teodoro, H. E, III, 25 apud Bihlmeyer — Tuechle, *op. cit.*, pp. 310-311.